

Tematizando o rap na escola: dias de luta ou dias de glória

Profa. Aline Nascimento

EMEF Castor

A mudança vem da base, pela base e das classes populares. (Marighella)

O projeto “Dias de luta ou dias de glória” foi realizado no primeiro semestre de 2013 com uma turma do 8º ano do ciclo II da EMEF Castor, situada no bairro Satélite, na Zona Leste da cidade de São Paulo, por aproximadamente cinco meses.

Durante os horários coletivos de planejamento inicial da proposta curricular, constatei que funcionários e professores mais antigos diziam que a escola era boa, mas a comunidade era complicada. Fiquei pensando sobre os possíveis motivos e questionei uma funcionária, que prontamente respondeu: “Essa comunidade é complicada. Não sabe o que acontece aqui. Só sabe cobrar e fazer denúncia. A gente precisa tomar muito cuidado com o que faz e fala”.

Com a preocupação de fazer com que minhas aulas se tornassem um momento difusor das relações entre a escola e a comunidade, criando um espaço coletivo de diálogo, iniciei o processo de mapeamento da cultura corporal na escola e no seu entorno. Procurei caminhar pelas ruas da comunidade em horários alternados, visualizei locais propícios¹ para a prática de certas manifestações da cultura corporal, tive conversas informais com pais e alunos da escola e percebi a necessidade de trabalhar com algo que se aproximasse daquela realidade, mas não sabia, ao certo, o que seria. Mapeando a escola durante os horários de permanência dos discentes fora da sala de aula (entrada, intervalo e saída), percebi que os alunos do 8ª ano permaneciam sempre com seus celulares conectados, expressando suas preferências musicais.

Na intenção de expandir o levantamento de informações, no primeiro encontro com a turma iniciei uma roda de conversa sobre a comunidade, a escola e as aulas de Educação Física. Em forma de palavras-chave coloquei na lousa o que os alunos disseram sobre as práticas presentes na comunidade, as que eles conheciam e as que já haviam estudado anteriormente.

¹ Um Clube Escola da Prefeitura cujo espaço proporciona a prática do futebol, futsal, basquete, vôlei, violão, danças, capoeira etc.

Práticas na comunidade	Práticas conhecidas	Práticas já analisadas na disciplina
Maconha / Drogas em geral / “Putaria”.	Esportes Coletivos.	Beijo na boca / Outras coisas / Queimada / nada / Freestyle.

Tendo em vista os dizeres dos alunos e, novamente, a preocupação em atender os princípios do Projeto Político Pedagógico da instituição e seu Plano Especial de Ação, cujo tema central era “Cotidiano Escolar: Tempo e espaço para conviver e aprender” e, com base nas Orientações Curriculares de Educação Física da rede municipal de ensino, expliquei para os alunos o teor desses documentos (eles não os conheciam) e da importância de trabalharmos com uma prática que nos assegurasse chegar o mais próximo dos princípios do projeto da escola: respeito no tratamento de todos os seres vivos e do meio ambiente; qualidade no atendimento para alunos e comunidade; ênfase no protagonismo infanto-juvenil; valorização e aperfeiçoamento do trabalho pedagógico da escola; compromisso de toda equipe escolar com a igualdade dentro da escola; valorização do trabalho coletivo.

Na aula seguinte, questionei os alunos sobre a possibilidade de estudarmos as danças, tendo em vista o mapeamento e o fato da grande maioria deles utilizar aparelhos celulares para ouvir diferentes gêneros musicais. Os alunos gostaram da ideia e aceitaram embarcar no projeto. Para sair da mesmice, montamos um grupo fechado na rede de relacionamento *Facebook*, pois entendíamos que era uma forma simples e eficaz de ampliar as danças e serem possivelmente analisadas, postando vídeos da internet. Este grupo denominou-se Projeto do Castor 8D. Após a criação do grupo por uma aluna, solicitei que todos postassem suas danças preferidas. É importante salientar que os alunos que não possuíam perfil nesta rede de relacionamento também comunicaram suas preferências em forma de texto e relato oral. Alguns também utilizaram perfis de seus familiares para adentrar ao grupo. No total foram 19 estilos de danças manifestadas pelos alunos.



Dando continuidade, apresentei uma imagem de cada dança que apareceu no grupo, nos trabalhos e nos relatos orais, para que os alunos expusessem seus gostos, conhecimentos, formas de dançar etc. Por meio de votação, ficou decidido estudarmos o *rap* e todos os seus elementos. Fechamos a aula com uma discussão que culminou com o entendimento da função da escola: formar leitores e escritores do mundo, autônomos e críticos, conscientes da importância do ato de ler e escrever para a vida na sociedade. E, no caso das nossas aulas, o Rap, por conta de seus elementos e história, possibilitaria questionar certas verdades hegemônicas e disseminar outros posicionamentos.

Após a decisão coletiva, selecionei alguns objetivos da Educação Física presentes no documento das Orientações Curriculares da rede municipal de São Paulo:

- identificar e adotar uma postura crítica frente às práticas discursivas acerca da cultura corporal que circulam na sociedade e que regulam comportamentos;
- compreender as práticas da cultura corporal como forma legítima de expressão dos grupos sociais;
- validar as aulas de Educação Física, bem como a escola, como espaço de participação coletiva, visando à produção cultural e a transformação social;
- incentivar a manifestação de opiniões e ideias divergentes sobre os conhecimentos alusivos às práticas corporais, reconhecendo o diálogo como instrumento para a construção de sociedades democráticas;
- analisar, interpretar e criticar os padrões de estética e consumo veiculados pela mídia, compreendendo o sentido de sua produção e correlacionando-os à sua experiência pessoal e reconhecendo sua influência na formação de identidades;
- adotar atitudes de solidariedade e cooperação durante as vivências corporais, estabelecendo relações equilibradas com os outros, sem discriminá-los por características pessoais, físicas, sexuais, étnicas ou sociais.

Também foram selecionadas as seguintes expectativas de aprendizagem:

- analisar, interpretar e vivenciar as múltiplas linguagens do corpo nas danças e nos movimentos expressivos: gestual, verbal, visual, emocional, dentre outras;
- identificar e posicionar-se criticamente acerca da influência da mídia ou outras fontes de informação nas formas pelas quais as danças se manifestam, relacionando essas informações com o modo de prática (individual e coletivo);
- atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários relativas à dança (fórró, axé, black, street etc);

- relacionar e analisar o papel das danças nos diversos momentos sócio-históricos, compreendendo essa manifestação como fenômeno cultural em permanente transformação.

Cabe destacar que após elegerem a prática a ser analisada, os alunos postaram no grupo do *Facebook* as músicas de *rap* que costumavam ouvir. Alguns estudantes que não gostavam, não ouviam, nem tampouco aceitaram estudar o Rap, postaram vídeos com outros estilos. O material disponibilizado permitiu a montagem de um CD com 48 músicas diferentes para que pudéssemos apreciá-las em aula. Na primeira oportunidade, os alunos foram convidados a identificar os intérpretes das músicas ouvidas.

2 Pac / 50 Cent / 509-E / Ao Cubo / AXL / B.R.O. / Charlie Brown Jr. / Cone Crew / Dexter / Rashid / Facção Central / Face a Face / Instituto Sabotagem / Oriente / Pacificadores / Projota / Racionais MC's / Tihuana / Wiz Khalifa.

Durante a audiência, dois alunos entraram em discussão sobre quem seriam os reais representantes do Rap.

Ele: - “Projota é rap?”

Ele: - “Quando Projota for *rap* eu me mato!”

Ela: - “Projota é *rap* sim, mas um *rap* diferente, mais atual.”

Ele: - “Ah! Você não sabe de nada sua burra.”

Ela: - “Nada a vê. Você acha que só existe Racionais nessa merda?”

A discussão se prolongou e eu tive que intervir explicando que deveríamos buscar mais informações sobre o que seria o gênero *rap* e quem são, afinal, seus representantes. Na aula seguinte, assistimos ao vídeo “Um breve documentário sobre o *rap* nacional²”, composto por excertos de documentários que focam o *rap* nacional e o ponto de vista de rappers, entre eles, Emicida e Marcelo D2. Após a assistência, em roda de conversa, retomei a discussão “Projota *versus* Racionais MC's”. O registro da conversa foi realizado no diário de bordo da turma³. Os alunos que iniciaram a discussão não estavam presentes, entretanto, com a ajuda do vídeo, fui provocando os demais na tentativa de desconstruir o discurso

² Vídeo veiculado pelo Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=5A2R14I4doo>.

³ No primeiro encontro percebi que os alunos não tinham o hábito de registrar as produções das aulas de Educação Física. Por essa razão, decidimos utilizar um único caderno no qual anotariam as produções coletivas e individuais. Utilizamos relatos, fotografias e desenhos. O caderno permaneceu comigo e qualquer aluno tinha acesso livre para questionar o conteúdo e/ou fazer novas inserções.

essencialista que desconsidera a variedade de manifestações desse produto cultural. Tencionei, com a atividade, proporcionar o entendimento que o *rap* vai se transformando e novas lutas vão surgindo a partir das diferentes esferas sociais, o que não desqualifica o emaranhado de produções e significados constituídos por grupos mais tradicionais como os Racionais MC's.

Na semana das discussões sobre os representantes do *rap* foi noticiada pelos meios de comunicação a morte prematura do rapper Chorão⁴ (vocalista da banda Charlie Brown Jr.). No grupo Projeto do Castor 8D do *Facebook* os alunos postaram homenagens diversas ao rapper. Em uma das aulas, coloquei a música “Dias de Luta, Dias de Glória” (Charlie Brown Jr.) como pano de fundo e solicitei a uma aluna que fizesse a leitura de uma mensagem postada por colega.

Chorão foi encontrado morto dentro de um apartamento todo bagunçado, com bebidas alcoólicas pela casa, com o dedo machucado e sangue pela casa toda, a primeira namorada dele dizia que ele estava em profunda depressão, por se sentir na solidão, e a situação terminou depois do fim do casamento de 15 anos... Todos agora lamentam a morte dele, imagina quem poderia ajudar, quem teve chance de passar confiança, dar uma palavra amiga... E não ajudou, como será que está se sentindo? O cara teve que morrer pra alguém entender em “que mundo é esse que ninguém sabe mais amar?”. Agora aproveita o clima de “luto” e tenta entender quem você ama, vai pedir desculpa pra quem você tem errado ultimamente, pense antes de gritar com alguém, não iluda, não despreze quem te ama, sabe-se lá se amanhã ela morre, e você que poderia ajudar, pode ser o culpado...

A emoção tomou conta da turma naquele momento. Alguns alunos choraram e saíram da sala para lavar. Continuando, levei para o encontro algumas frases do vocalista extraídas do portal “Chorão Frases⁵”.

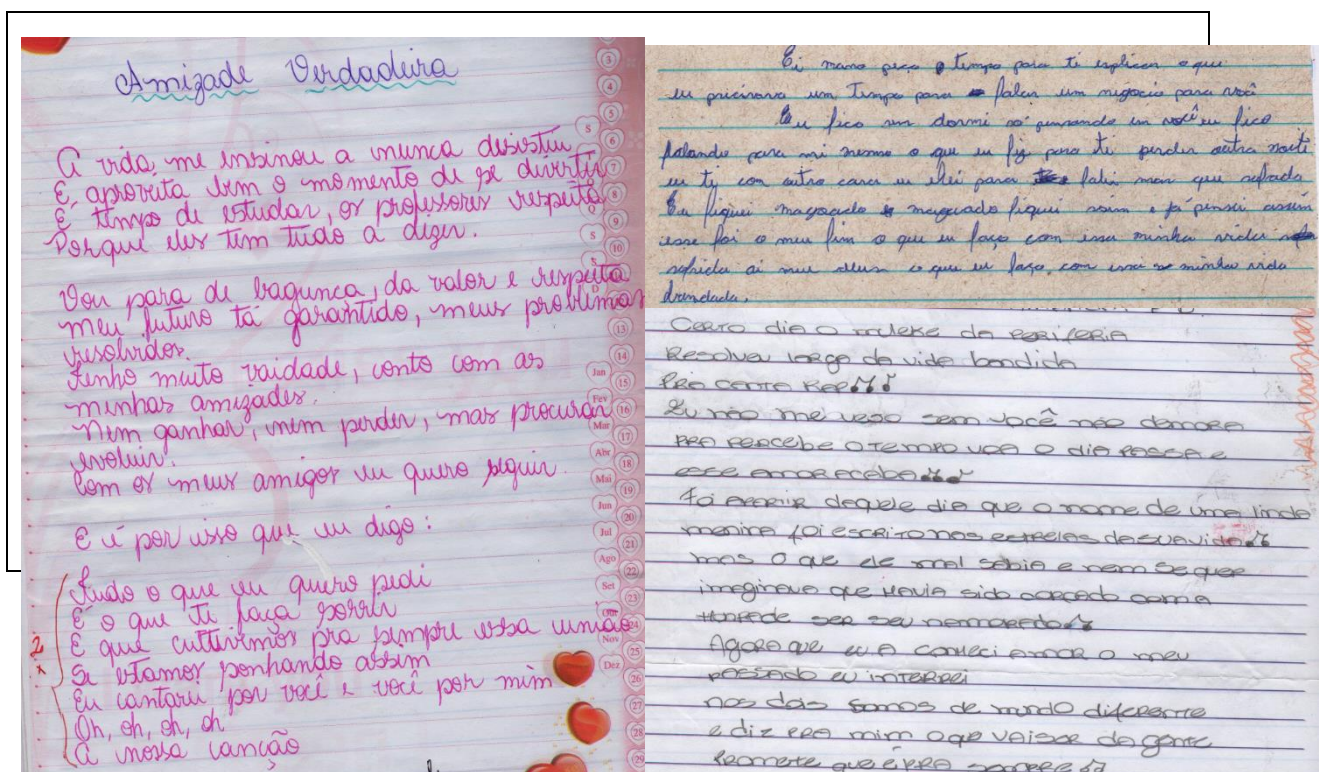
- A vida me ensinou a nunca desistir. Nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir.

⁴ Alexandre Magno Abrão (São Paulo, 09 de abril de 190 – São Paulo, 06 de março de 2013).

⁵ Sítio criado em homenagem ao vocalista disponível em: <http://www.choraofrases.com>

- Hoje você pisa em quem já te ajudou, e vem falando mal de quem já te fortaleceu. Mas um homem de verdade não se faz só com palavras, você perdeu a moral e quem perdeu, perdeu.
- Que mundo é esse que ninguém entende um sonho? Que mundo é esse que ninguém sabe mais amar?
- Eu faço da dificuldade a minha motivação. A volta por cima vem na continuação. O que se leva dessa vida é o que se vive, é o que se faz.
- Histórias, nossas histórias, dias de luta, dias de glória! Hoje estou feliz acordei com o pé direito, eu vou fazer de novo, vou fazer muito bem feito.
- Podem me tirar tudo o que tenho. Só não podem me tirar as coisas boas que eu já fiz pra quem eu amo.
- Às vezes fico acordado à noite, e eu pergunto: “Onde eu tenho errado?” Então, uma voz me diz: “Isso vai levar mais de uma noite”.
- Hoje estou feliz porque sonhei com você, e amanhã posso chorar por não poder te ver.
- Eles dizem que é impossível encontrar o amor sem perder a razão. Mas pra quem tem pensamento forte, o impossível é uma questão de opinião, e disso os loucos sabem. Só os loucos sabem...

Após a leitura das frases, solicitei que a turma se dividisse em grupos. Cada grupo deveria produzir seu próprio rap a partir da frase selecionada, tendo em vista os sentimentos e as emoções apresentadas durante a leitura da mensagem.



Produção / Criação de *rap* pelos discentes a partir das frases do Rapper Chorão (Charlie Brown Jr.).

De posse das produções, questionei os alunos sobre qual era o sentido dessas letras na sociedade atual. Realizamos uma roda de conversa e após inúmeras falas compreendemos o *rap* como um manifesto acerca das condições sociais da periferia, denunciando o abandono, a exclusão social, as condições de habitação e moradia, o tráfico de drogas e o sistema perverso do poder paralelo.

Na aula seguinte, estimei a turma a analisar um vídeo que discutia o *rap* nacional. Perceberam algumas práticas presentes no movimento *hip-hop* como o grafite, a pichação e o streetball. Os alunos perguntaram se poderíamos estudar todos esses elementos. Perguntei se poderíamos iniciar as discussões com as questões que permeiam o grafite e da pichação e eles concordaram. Deste modo, preparei para o encontro seguinte a leitura de um vídeo do programa “*Manos e Minas*”⁶, que aborda as duas práticas. A ideia era que pudessem observar semelhanças, diferenças, confrontos e a luta de seus representantes na busca por significados. Coloquei na lousa algumas questões norteadoras do debate: O que é grafite? O que é pichação? Arte ou vandalismo?

As colocações dos alunos durante o debate permitiram-me conhecer melhor a realidade em que vivem e suas preferências. Diversos posicionaram-se favoráveis ao grafite como arte, denunciando a pichação como uma forma de vandalismo. Outros compreendiam a pichação como arte e o grafite como uma forma de mercantilizar o movimento *hip-hop* na tentativa de aceitação social. Houve também aqueles que aceitavam a pichação até certo ponto, pois revelaram temer as punições. E claro, alguns não se posicionaram.

- “O grafite, as pessoas pagam pra fazer. O piche é uma coisa feia, deixa tudo sujo. É ridículo.”

⁶ O universo do jovem da periferia e o resgate de histórias da cultura brasileira e internacional são marcas registradas do programa, que é exibido pela TV Cultura nas noites de sábado e com reprise no domingo. Atualmente comandada pelo rapper Max B.O., a atração abarca os segmentos de música, esporte, dança, comportamento, artes plásticas e cinema. Vídeo disponível no sítio: <http://www.youtube.com/watch?v=ZRrkwQJLIWA>.

- “Ah, eu saio com os caras pela adrenalina, a gente sobe em prédios altos, isso também é arte.”

- “Aqui na escola tem um monte de grafite, queria ver se a diretora ia deixar fazer piche.”

- “Eu acho legal fazer piche, mas se fizer no muro da minha casa, meus pais vão ficar bravos.”

- “Então no muro dos outros pode?”

Com o intuito de ofertar a oportunidade dos discentes vivenciarem a prática ora como grafiteiros ora como pichadores, eu solicitei que produzissem seus próprios grafites e piches a partir, buscando inspiração no próprio cotidiano. Poderiam expressar seus gostos, anseios, desejos, emoções, protestos etc.



Os alunos apresentaram suas produções e percebi que os mesmos conceberam o grafite e a pichação como marcas de expressão e comunicação de uma determinada parcela da sociedade que busca apresentar suas revoltas e ideologias. Ações estas, muito comuns nos centros urbanos, principalmente nas periferias.

Seguindo a proposta didática, solicitei aos alunos que postassem no grupo do *Facebook* movimentos e jogos do *streetball* para que tivéssemos referências. Antes de irmos à quadra, levantamos e discutimos as regras e a forma de disputa da modalidade. Na quadra, os alunos tiveram muitas dificuldades em realizar os movimentos e jogar *streetball* da mesma forma que aparecera nos vídeos postados. Logo a euforia tinha virado transtorno e chacota.

- “Eu não sei nem jogar basquete, vou saber jogar isso?”
- “Aff! É muito difícil. Eu não posso dar duas saídas?”
- “Ah! Assim eu não sei jogar. Vamos fazer de outro jeito?”

Após estas falas, alguns alunos queriam desistir das vivências. Então, expliquei que a intenção da atividade não era constranger ninguém, mas, sim, permitir que todos tivessem, ainda que com certa dificuldade, o contato com a prática da forma como ela é desenvolvida em outros espaços fora da escola, como havíamos visto nos vídeos postados no grupo da turma. Voltei a questioná-los sobre a importância do respeito e da compreensão durante o caminhar do projeto, pois só assim seria possível a participação coletiva e a convivência no espaço escolar, algo almejado pelo coletivo escolar no PEA e já discutido em sala de aula. Tive a intenção de mostrar aos alunos que não havia sentido simplesmente praticar e desrespeitarmos uns aos outros. Todos poderiam trocar experiências. O que não significava dizer que não haveria conflitos.

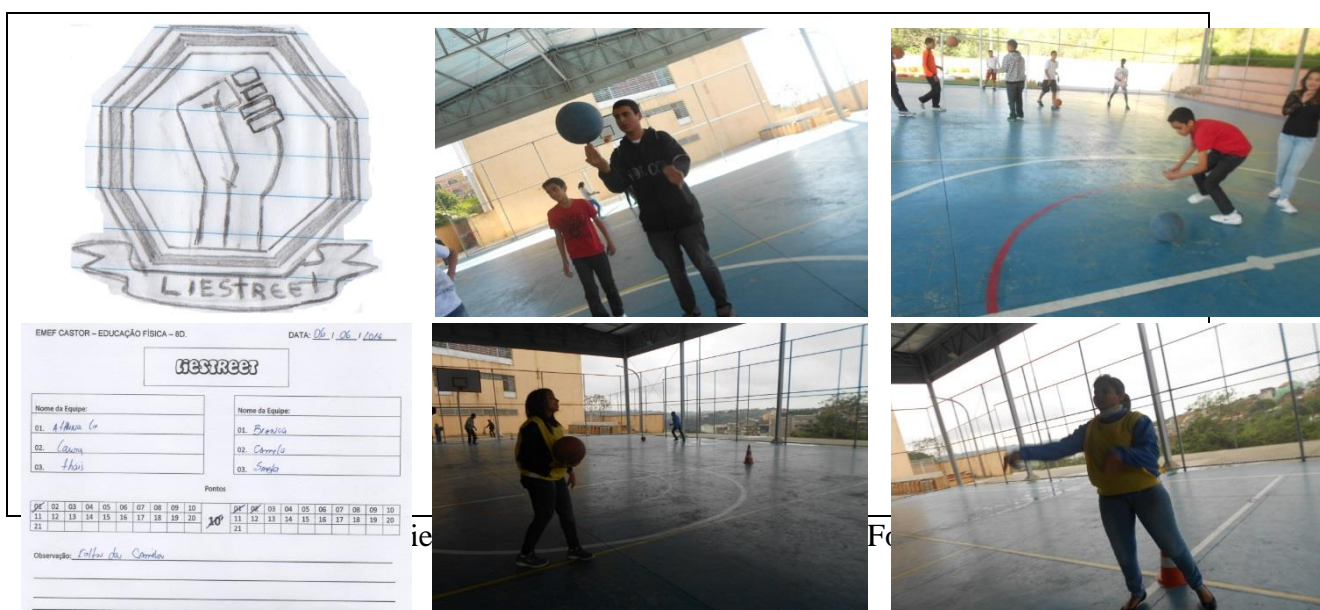
Na aula seguinte perguntei se eles poderiam criar seus próprios movimentos já que os que vimos nos vídeos do *Facebook* eram muito complexos. Alguns criaram ou continuaram na tentativa de reprodução, enquanto outros desistiram, não deram a mínima importância à minha fala e saíram da quadra.

Tendo em vista os acontecimentos, para a próxima aula preocupei-me em encontrar junto aos alunos uma forma mais eficiente de praticarmos o *streetball*, não no sentido da especialização do movimento, apenas garantir um envolvimento maior com a atividade. Conversando com a turma sobre minha angústia e preocupação, os alunos propuseram reformular este jogo. Iniciaram por trocar o nome, passando a chama-lo de *liestreet*. Montaram um jogo próprio, adaptaram as regras, forma de disputa e súmula. Separaram as equipes, tabelas e as datas dos jogos de acordo com os horários de utilização da quadra. Alguns alunos ficaram responsáveis por filmar, registrar os dados em súmula, arbitrar conforme as regras estabelecidas, bem como realizar as atualizações da tabela.

Após a elaboração do *liestreet* iniciamos as vivências. Na quadra, por diversas vezes tivemos que interromper o jogo para recordar os combinados. Percebi que o aluno que estava na função de árbitro não se preocupava em arbitrar, ficava apenas soando o apito na intenção de atrapalhar os demais, gerando novos conflitos. Paramos novamente o jogo e discutimos se a função do árbitro era atrapalhar ou conduzir a partida de maneira a promover o respeito às regras. Uma aluna sugeriu a substituição do colega que estava atrapalhando. A turma

concordou e designaram outra pessoa para arbitrar. Enquanto uma aluna, conhecedora de todos os combinados trocou de posição com o árbitro, o que trouxe grandes benefícios, pois o jogo tornou-se mais atrativo.

Os alunos que no início não conseguiam participar devido à complexidade do *streetball*, após sua reformulação, tiveram a possibilidade de participar. Alguns ainda escapavam das vivências e não quiseram jogar, entretanto, participaram como torcedores, árbitros, fotógrafos, atualizando tabela, preenchendo a súmula etc.



Para aprofundar as questões que norteiam a prática do *rap* e seus significados na sociedade atual, os alunos leram o texto “*O rap virou pop*”⁷ e, posteriormente, registraram suas opiniões e reflexões acerca da manifestação cultural por meio de textos dissertativos. Antes, conversamos sobre globalização, mídia, consumo e como esses discursos hegemônicos afetam a visão de quem somos e do mundo em que vivemos. A intenção foi tomar contato com outros significados do rap, confrontando-os com aqueles que os alunos possuíam.

⁷ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI224839-15220,00.html>. A matéria contesta o *rap* como manifesto de consciência social e aborda alguns sucessos do gênero com enfoque em temas como amor e amizade.

E.U. ACHO
Que o rap e Be considerados
como linguagens das periferias
perdas.

Recebi a matéria, logo, para falar que o RAP, por misturar com
outras vertentes e fazer constantemente referências e fusões (desgraça, funk, funk
pop, reggae) que misturando vários ritmos, cria muito som. E vejo
também que grupos de RAP, hoje têm o objetivo de fazer um
som grande, sucesso, mas falta a humildade, e não tem muita

De fato o Rap usa se inclinamos para
uma cultura mais pop. O que não nos gos-
tamos muito, pois o Rap tem sua esen-
cia que relata a vida na periferia, o
refinamento aos comunicados.

Não que o Rap pegue o refinamento, pre-
ga a verdade e a Realidade de muitos
Brazileiros.

Saber quem é bom e ruim é bom, mas
nós precisamos disso pra ser feliz. Mas não
achamos que a Realidade do Rap é outra.

Reflexão dos alunos sobre a posição midiática "O rap virou pop"

Analisando as reflexões dos alunos, ficou claro que na opinião deles a matéria tentou mostrar que o rap pode estar mais palatável, menos ligado à militância por variar a temática e perdendo o rótulo de música engajada, sendo mais aceitável ao grande público. Em suma, atendendo aos interesses do mercado da música. No entanto, na compreensão dos discentes, o movimento hip-hop não precisa do grande público, não precisa ser comerciável, pois trata, acima de tudo, de uma expressão cultural e política dos marginalizados. Os rappers que se "adaptam" ao mercado fonográfico o fazem porque há uma grande gravadora por trás ditando as regras do que deve ser feito para vender mais discos se é que isso ainda é possível em tempos de pirataria e mp3.

Como avaliação do meu trabalho junto aos alunos do 8º ano, muito embora enfrentando conflitos, percebi que os objetivos mais gerais foram alcançados pois os discentes conseguiram romper com as barreiras dos discursos hegemônicos de uma Educação Física praticada na escola que não priorizava seus saberes, suas identidades, suas realidades, nem tampouco suas histórias. Fechamos o trabalho cientes de que poderíamos ter seguido por outros caminhos sinalizados pelos próprios alunos no decorrer do projeto, entretanto, cientes também de que, de fato, os alunos produziram cultura.